

DAYANE SILVA PEREIRA

**O SILÊNCIO QUE FALA:
A IMPORTÂNCIA DA
COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL**

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2015

DAYANE SILVA PEREIRA

O SILÊNCIO QUE FALA: A IMPORTÂNCIA DA COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL

Projeto experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social/Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título Bacharel em Comunicação Social/Habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Ricardo Duarte Gomes da Silva

Viçosa – MG

Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

2015

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus que me deu o dom da vida. Agradeço ao meu professor Ricardo Duarte que me orientou e me incentivou o tempo todo. À Luana Lima, que me ajudou intensamente para que esse sonho se tornasse real. À Ana Paula Abreu pelo companheirismo, amizade e incentivo, me mostrando que a amizade é um dos bens mais valiosos que Deus poderia nos dar.

Agradeço em especial a cada uma de minhas fontes que abriram as portas de suas casas para que eu, meu gravador e a intérprete pudéssemos entrar e realizarmos este trabalho. Agradeço porque pode não ter sido fácil lembrar alguns momentos de suas vidas e muito menos falar deles. Agradeço por toda confiança e carinho depositados neste livro.

Agradeço à minha família, que mesmo nas vezes em que eu estava extremamente estressada, souberam respeitar o meu espaço porque sabiam que eu precisava.

À todos meus amigos que contribuíram de alguma forma para que esse sonho se tornasse realidade. Seja pelo carinho, pelo apoio, pelas orações e pela torcida. Sem vocês, eu não teria forças para prosseguir e não seria nada.



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Monografia intitulada *O Silêncio que fala: a importância da comunicação não-verbal*, de autoria da estudante Dayane Silva Pereira, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Ricardo Duarte Gomes – Orientador
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Profa. Doutoranda Kelly Scoralick
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Prof. Dr. Ernane Correa Rabelo
Curso de Comunicação Social/ Jornalismo da UFV

Viçosa, 18 de novembro de 2015

RESUMO

O livro-reportagem *O Silêncio que fala: a importância da comunicação não-verbal* foi um projeto experimental produzido como Trabalho de Conclusão de Curso do curso de Comunicação Social/Jornalismo na Universidade Federal de Viçosa (UFV) pela aluna Dayane Silva Pereira. O objetivo deste trabalho é produzir um livro-reportagem sobre surdos moradores de Viçosa e micro-região da Zona da Mata de Minas Gerais, com o intuito de narrar as histórias de vida de cada um dos personagens. São relatos, colhidos pela autora, que contam um pouco do dia-a-dia e das dificuldades que estes encontram para se comunicarem com os ouvintes. O livro tem a intenção de dar o máximo possível de voz aos que não a possuem, deixando assim que os próprios personagens contem as suas histórias, com a ajuda de familiares e amigos. A partir daí se torna possível instigar o leitor a refletir um pouco sobre a importância de valorizar todos os tipos de comunicação e não só a comunicação verbal.

Palavras-Chave: Livro-reportagem; Jornalismo literário; Comunicação; Surdos; Libras.

ABSTRACT

The book-report *O Silêncio que fala: a importância da comunicação não-verbal* as an experimental project produced as a final work for the Social Communication Course/Journalism at the Federal University of Viçosa (UFV) by the student Dayane Silva Pereira. The objective of this work is to produce a book-report on deaf people of Viçosa and micro-region of Minas Gerais Zona da Mata, aiming to narrate the life stories of each of the characters. They are reports, collected by the author, that tell a little of the day-to-day and the difficulties they find to communicate with listeners. The book intends to provide the maximum possible voice to those who don't have it, leaving the characters themselves tell their stories, with help of family and friends. From this it becomes possible to instigate the reader to reflect a bit on the importance of valuing all kind of communication and not only verbal communication.

Keywords: Book-report; Literary journalism; Communication; Deaf people; Libras.

“Não é o que você faz, mas quanto amor você dedica no que faz que realmente importa” – Madre Teresa de Calcutá

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	1
1. REFERENCIAL TEÓRICO	3
1.1 Jornalismo	3
1.2 História oral	8
1.3 Deficiência	9
1.3.1 Auditiva e surdez	9
2. RELATÓRIO TÉCNICO	13
2.1 Pré-produção	13
2.1.2 Personagens	14
2.2 Metodologia	16
2.3 Produção	17
2.4 Pós-produção	20
2.4.1 Descrição do produto	21
2.4.2 Orçamento	21
2.4.3 Materiais	21
2.4.4 Cronograma	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO	25
ANEXOS	28

INTRODUÇÃO

Uma certa vez, em um trabalho acadêmico, me deparei com uma grande pauta: realizar uma entrevista com uma pessoa surda da UFV, Universidade Federal de Viçosa, e informar como se dá a comunicação cotidiana dos deficientes auditivos. Foi como um choque de realidade. Sempre soube da existência de deficientes auditivos e ainda sim, nunca me preocupei em me preparar para se um dia precisasse, me comunicar eficientemente com eles. Em um curso de Comunicação Social, que se estuda as diversas formas de comunicação, deveria ser obrigatório, por exemplo, o aprendizado da Libras (Língua Brasileira de Sinais) que é um tipo de comunicação. Alguns surdos utilizam a oralização que é um tipo de metodologia de estimulação da audição utilizada para que os surdos tenham algum tipo de comunicação verbal.

A Libras teve sua origem na língua de sinais francesa. Foi reconhecida como 2ª língua oficial do Brasil pela lei nº 10.436 de abril de 2002. Ou seja, desde 2002 a libras deveria estar sendo difundida e aprofundada e poucas pessoas ao menos sabem da existência da Libras. Segundo Luana Lima¹, intérprete de Libras, “Ao refletir sobre a importância das Libras na vida das pessoas surdas, pode-se perceber que a utilização da Língua Brasileira de Sinais é um meio de garantir a preservação da identidade surda, bem como contribuir para a valorização e reconhecimento da cultura surda”.

Para realizar a entrevista com uma pessoa surda foi necessário pedir o auxílio de um intérprete para suprir a inexistência de comunicação que haveria entre mim, ouvinte, e o surdo. E desde então, surgiram vários questionamentos: Como se dá a comunicação entre os surdos? Como são tratados nos supermercados? Os comércios da cidade têm se atentado a importância de se ter o conhecimento da Libras? Ou os surdos são tratados como invisíveis, por serem minoria?

Estas perguntas ficaram um bom tempo sem respostas, esperando uma oportunidade de respondê-las. Era inevitável entrar em um cinema e não pensar: será que os surdos conhecem o cinema? Será que as legendas conseguem suprir? Será que eles entendem o nosso tipo de comunicação, feito por palavras?

Diante desta inquietação, comecei a pensar em diversas formas de contar esta minha inquietude por meio da minha futura profissão. Lima (2004), em seu texto fala dessa inquietação do jornalista na escrita do livro-reportagem:

¹ Intérprete de Libras que participou da elaboração deste trabalho de conclusão de curso.

O livro-reportagem, agora, como no passado, é muitas vezes fruto da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana. Ou é fruto disso e (ou) de uma outra inquietude: a de procurar realizar um trabalho que lhe permita utilizar todo o seu potencial de construtor de narrativas da realidade. (LIMA, 2004, p. 33).

E, com uma paixão de infância pela literatura, resolvi escrever um livro-reportagem como trabalho de conclusão de curso. Não poderia ter achado solução melhor. O livro-reportagem *O Silêncio que fala: a importância da comunicação não-verbal*, é uma mistura do meu amor pela literatura, da fidelidade pela profissão escolhida e da minha inquietude com as situações dos surdos. E, através deste trabalho, mostro as histórias de vida dos deficientes auditivos, que me ensinam primeiramente, e ensinam a todos nós comunicadores, a fragilidade da comunicação que se limita apenas a palavras.

O projeto experimental escolhido, livro-reportagem, ainda segundo Lima (2004) é “um veículo de comunicação jornalística bastante conhecido nos meios editoriais do mundo ocidental. Desempenha um papel específico, de prestar informação ampliada sobre fatos, situações e ideias de relevância social, abarcando uma variedade temática e expressiva”. (p. 1)

Encontrei, assim, uma forma de fazer uma reportagem se tratando de um assunto com profundidade na questão em foco, não deixando de ser algo jornalístico.

O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos -, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (LIMA, 2004, p. 26).

Optei por escrever as histórias de vida dos personagens, com profundidade, fazendo com que os leitores possam imaginar as cenas em suas cabeças, se colocando no lugar dos deficientes auditivos. Porque muitas vezes demoramos muito a entender que os deficientes auditivos precisam apenas que nos esforcemos um pouco em tentar nos comunicar com eles.

A proposta do livro era expor este universo tão desconhecido pela maioria dos sujeitos ouvintes: a surdez. Na captura de uma boa qualidade literária foram selecionadas

histórias de vida. Contando, através das entrevistas realizadas com os surdos, as histórias de vida de cada um, com suas dificuldades e limitações para se comunicarem. Relatando também as superações e vitórias alcançadas desde quando descobriram a surdez em suas vidas até os dias de hoje. Conscientizando que o aprendizado da Libras é essencial para quem busca se comunicar de forma eficiente. E, comunicar de forma eficiente, não é só através da fala. Para um curso de jornalismo por exemplo, é necessária uma atenção especial a isso, porque a comunicação é realizada de várias formas e é importante estar preparados para tal.

Uma questão que quero colocar aqui é, se em algum momento, você já se imaginou surdo e nas ilimitadas coisas que você não poderia fazer? Se é tão difícil apenas imaginar, pense bem como é complicado vivenciar isso e conseguir driblar as situações encontradas no caminho.

Na cidade de Viçosa, que é carente de atividades culturais, é notório que as poucas que ocorrem, não se preocupam em abranger todos os tipos de comunicadores. Mesmo com alguns cursos de línguas sendo ofertados, pode contar no dedo quantos destes eventos encontramos algum tipo de intérprete.

Na Lei de Acessibilidade no Decreto nº 5296 de 2 de dezembro de 2004, diferenciados atendimentos são prioritários a surdos ou deficientes auditivos em vários artigos e parágrafos. Será que algum comércio da cidade já leu essa Lei e seus respectivos artigos? Ou a Lei só entra em vigor em algumas cidades? Ou é falta de fiscalização? Enfim, nosso foco não é procurar culpados e sim mostrar que os surdos precisam de uma comunicação que vai além das palavras.

1. REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Jornalismo

Os meios de transmissão de informações têm uma grande parcela na construção e desconstrução de paradigmas da sociedade. Da mesma forma que informam também estimulam o senso crítico, produzindo análises por si mesmos com relação às situações. Hoje em dia, as mídias estão cada vez mais sendo acusadas de serem as culpadas da tentativa de indução de opinião no público. Os meios são frequentemente denominados de “sensacionalistas”, que é a busca por assuntos cuja repercussão podem provocar

escândalos, chocar uma sociedade, embora sejam majoritariamente falsos.² Por outro lado, vemos que muitas narrativas midiáticas estão realmente caminhando na direção da espetacularização do real e, sem perceber, os próprios leitores acabam sendo também consumidores e propagadores desse sensacionalismo. Não procuram profundamente o que se passa, acreditam na primeira coisa que ouvem e ainda repassam isso para outras pessoas.

Lobo (2003) diz que o jornalismo que tem o domínio no campo narrativo, tem uma importância clara em “uma sociedade pautada pelo consumo desregrado e imediato, que cultua o objeto “de marca”, onde o “ser” é excluído pela supervalorização de um “ter” desenfreado e ambicioso”.³

Mas, se os meios de comunicação, conseguem induzir as pessoas a enxergarem outros modos de vista sobre um determinado caso, porque não os fazer enxergar a realidade de pessoas que necessitam? Se é possível ter um pouco de influência com o trabalho, é pertinente trabalhar pautados em querer algo bom e bem feito, humanizando ao máximo os leitores para que assim, cada um deles possa enxergar o mundo com outros olhos.

Além disso, o ser humano acaba sendo o reflexo daquilo que consome, portanto, consumindo narrativas permeadas de olhar humano postulo que o adquirirá, por meio da interação do sujeito com este objeto abstrato, visto que o conhecimento só se manifesta e desenvolve através dele próprio.⁴

Ainda segundo o autor, o verdadeiro papel do jornalista é, e sempre foi, fazer pensar, porque o simples fato de apenas informar não possibilita captar as particularidades do fato:

Penso que o papel do jornalista, na sociedade do consumo, é interpretar e traduzir informações. Não cabe a ele apenas informar. Devido à saturação da informação, cabe ao jornalista interpretá-la, atribuindo-lhe sentido e precisão na produção de um bem intelectual que dê ao receptor a possibilidade de refletir e, também, de interpretar. É aí que reside a grandeza de um texto e só então pareceria correto atribuir ao jornalismo o papel de auxiliar na difusão do conhecimento. O ato de informar consiste em transmitir dados técnicos sobre determinado fato. Estes dados, tal qual o lead, não possibilitam percepção de atmosfera, conjuntura emocional e emissão das particularidades de um fato. A absorção da informação calcada na objetividade jornalística esfria as

² Significado tirado do site: www.dicio.com.br

³Disponível em: http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/ed743_sobre_o_papel_social_do_jornalismo/

⁴ Ibid. 3

capacidades emocionais e afeta o entendimento do universo particular de uma ocorrência por parte do receptor.⁵

Então, diante disto, o ser humano se torna um dos principais objetos de trabalho do jornalista, fazendo com que este se atente de forma especial, com extrema importância, à humanização do seu trabalho. O escritor de reportagens não possui mais ou menos valor do que o literato, mas seu trabalho incide imediatamente sobre a sociedade, atingindo uma maior parcela da população com seus textos do que a maioria dos escritores de livros.

É importante salientar que os surdos (sujeitos de nosso trabalho de conclusão de curso) são considerados minoria e, diante disso, pouco se estuda, se entende ou se procura saber sobre eles. Tomamos por foco a surdez ou deficiência auditiva, pesquisamos e vimos que a Lei de Acessibilidade dispõe de diversos artigos e decretos com relação aos deficientes auditivos, desde a inclusão do estudo de Libras até mesmo nas escolas. Nesta lei fica evidente a importância de se incluir os surdos no mundo dos ouvintes. As vezes por falta de compreensão ou comunicação com essas pessoas, os considerados “ouvintes” que se comunicam através das palavras não conseguem ter dimensão das dificuldades encontradas pelos surdos ou deficientes auditivos. Talvez por não se ter uma cultura do ensino da Libras, ou até mesmo o pouco incentivo nas escolas e no ensino superior, existam casos que passam despercebidos pelas nossas vidas.

Segundo Lima (2004) “De todas as formas de comunicação jornalística, a reportagem, especialmente em livro, é a que mais se apropria do fazer literário” (p. 173). E ainda segundo o autor, o jornalismo impresso e a literatura têm uma aproximação muito grande.

Na verdade, a literatura e a imprensa confundem-se até os primeiros anos do século XX. Muitos dos jornais abrem espaço para a arte literária, produzem seus folhetins, publicam suplementos literários. É como se o veículo jornalístico se transformasse numa indústria periodizadora da literatura da época. (LIMA, 2005, p.174).

Diante disto, escolhemos o formato livro-reportagem, neste trabalho, justamente porque traz uma proximidade com o leitor e o motiva a continuar a leitura.

O texto de essência, informativo ou opinativo, trabalha com a motivação. Convida o leitor ao raciocínio, a desdobrar um ponto de

⁵ Ibid. 3

vista ou, simplesmente, apresenta relatos profundos. E ele corresponde a todos esses estímulos no momento em que se encanta pelo desenrolar da trama ou pelos resultados de uma pesquisa. Esse indivíduo ri, chora, se enfurece, sente envergonha, fica assustado ou emocionado durante uma boa viagem literária. É impossível interromper a leitura quando o texto amarra atenção de quem o lê. No entanto, para obter essa qualidade de narrativa, conhecer o objeto a ser exposto no texto é algo imprescindível. (MOTA, 2011, p. 4).

Segundo Mota (2011), o livro-reportagem às vezes se torna um trabalho muito demorado e demanda um grande esforço, mas é daquelas tarefas que se faz por paixão. “Pois acima de ser um bom jornalista é preciso talento na arte de contar e escrever boas histórias” (p. 7). E, a função do livro-reportagem não é totalmente diferente de uma reportagem. Lobo (2003) diz que vai além na profundidade: “A função do livro-reportagem não se difere da própria reportagem, entenda-se, informar em profundidade. Porém, vai além: apresenta os personagens de forma mais humanizada e conta a história dando detalhes e curiosidades que ultrapassam o jornalismo de informação factual”.⁶

De acordo com LIMA (1998), o livro-reportagem é um produto cultural que amplia o cotidiano do jornalismo dando uma sobrevida aos temas tratados pelos meios de comunicação.

Mais que simples repetidor de padrões e formas de praticar a comunicação jornalística com o público, esse veículo renova e dinamiza, principalmente quando trabalha, com todo o seu arsenal de possibilidades a grande reportagem. (LIMA,1998, p.7).

Ainda segundo o autor, “o instrumento básico para o relato jornalístico é a notícia, forma de comunicação que condensa a reprodução dos fatos sociais” (p.10). Mas existem fatos que necessitam de uma abordagem mais profunda para que o leitor possa realmente entender do que se trata. Foi assim que com o tempo as simples notícias começaram a se tornar reportagens:

Ao longo do tempo, uma forma de mensagem mais rica, cujo teor procura redimensionar a realidade sob um horizonte de perspectivas onde não raro existem várias dimensões dessa mesma realidade. Essa forma é a reportagem, em torno do núcleo frio que marca a face árida de um acontecimento, todo um contexto embelezado pela dimensão humana, pela tradução viva do ambiente onde ocorrem os fatos, pela explicação de suas causas, pela indicação dos rumos que poderá tomar. (LIMA, 1998, p.10).

⁶ Ibid. 3

Ele conta também que o texto da reportagem procura informar e aprofundar um tema. Mas se propõe a fazer isso de uma forma diferenciada tentando satisfazer a um público de perfil variado. É nisso que se baseia o livro-reportagem *O Silêncio que fala: a importância da comunicação não-verbal*, que conta de forma diferente de uma notícia, a vida dos personagens. E é baseado nessa parte de reportagem que o autor fala do motivo da existência do livro-reportagem:

Teoricamente, a reportagem visa oferecer uma mensagem de linguagem mais solta e dar um tratamento de profundidade aos acontecimentos. Acontece que a maior parte da produção jornalística contemporânea, realizada por gigantescas empresas do setor, segue um feitiço bastante industrializado. Isso significa uma produção em massa, em que se tenta cobrir várias áreas diferentes da atividade social, com a maior velocidade possível e dentro de padrões rígidos que simplificam a coleta de informações e uniformizam a forma como se elaboram as mensagens (...). Ora, na medida em que certos temas importantes não têm nos veículos jornalísticos convencionais a guarida que merecem, na medida em que os profissionais mais criativos e inquietos sentem-se tolhidos no seu potencial, por causa do esquema rigidamente industrial com que se produz o jornalismo atual, a alternativa natural é a elaboração da grande reportagem em forma de livro. (LIMA, 1998, p.11-12).

E para ainda para o autor este gênero jornalístico complementa o entendimento do leitor que muitas vezes está acostumado a consumir apenas as notícias diárias dos meios de comunicação:

O livro-reportagem contribui para que o leitor conquiste uma compreensão ampliada da contemporaneidade, na medida em que não fica, muitas vezes, limitado aos fatos isolados do cotidiano que geram as notícias dos outros veículos jornalísticos. (LIMA, 1998, p.17).

Marcando o que é a entrevista para o livro, Lima (2004) fala que a reportagem é uma forma de expressão diferenciada do impresso cotidiano se tornando possível até mesmo uma aproximação entre o entrevistador e o entrevistado:

Muito mais do que na reportagem do jornalismo impresso cotidiano, a entrevista desponta no livro como uma forma de expressão por si dotada de individualidade, força, tensão, drama, esclarecimento, emoção, razão, beleza. Nasce daí o diálogo possível, o crescimento do contato humano entre entrevistador e entrevistado, que só acontece porque não há a pauta fechada castrando a criatividade. (LIMA, 2004, p.107).

Entrevistando seis personagens surdos buscamos tentar trazer ao texto um aprofundamento tanto extensivo quanto intensivo, como explica Lima:

O livro-reportagem apresenta tanto um aprofundamento extensivo quanto intensivo da realidade. Na abordagem extensiva, o número e a qualidade dos detalhes enriquece a narrativa, conduzindo-a para um grau de informação superior ao dos veículos cotidianos. Na intensiva, a verticalização dinamiza a compreensão do tema focalizado pela reportagem, inserindo-o precisamente no contexto contemporâneo. (LIMA, 1998, p.29).

E, buscando trazer esses relatos dos próprios personagens, realizando as entrevistas e escrevendo um produto jornalístico sem deixar de lado o gosto pela literatura, foi-se possível realizar este trabalho.

1.2 História oral

A história oral é entendida como uma forma de pensar a sociedade contemporânea valendo-se de diálogos gravados, as percepções da vida social são registradas de maneira a se constituir em fontes ou documentos que, contudo, devem ser considerados desde sua origem. Segundo José Carlos Sebe B. Meihy (2007), a história oral vai além, por não é um procedimento único. Ela precisa ser entendida mais a fundo por ser uma soma articulada, planejada, de algumas atitudes pensadas como um conjunto.

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo de pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê; planejamento da condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; transcrição e estabelecimento de textos; conferência do produto escrito; autorização para o uso; arquivamento e, se possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou as entrevistas. (MEIHY, 2007, p.15)

De acordo com a definição do autor, o presente trabalho se classifica como um procedimento de história oral, que se diferencia das entrevistas convencionais.

Um dos pontos basilares da distinção entre história oral e entrevistas convencionais reside exatamente na especificação dos critérios de captação das narrativas segundo os termos estabelecidos nos projetos.

É aí que entra a primeira variação entre entrevistas convencionais e de história oral. (MEIHY, 2007, p.33)

Então, todo o processo desde a elaboração do projeto até a versão pronta final do livro-reportagem *O Silêncio que fala*, que conta as memórias e história de vida de cada personagem, é um procedimento de história oral individual.

1.3 Deficiência

Segundo consta o resultado do Censo Demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) realizado em 2010, somam-se 45 milhões de brasileiros com deficiência. Isso significa que pelo menos uma das deficiências investigadas foram encontradas em 23,9% da população.

De acordo com o DECRETO Nº 3.298, de 20 DE dezembro de 1999, é considerada pessoa com deficiência a que se enquadra nas seguintes categorias: Deficiência Física; Deficiência Auditiva, Deficiência Visual, Deficiência Mental e Deficiência Múltipla. Dentre essas deficiências ainda consta no Censo Demográfico que 35.791.488 pessoas são deficientes visuais; 9.722.163 pessoas são deficientes auditivos, 13.273.969 são deficientes motores e 2.617.025 são deficientes mentais.

1.3.1 Deficiência auditiva e surdez.

Ainda segundo o IBGE, a deficiência auditiva é a incapacidade, com alguma ou grande dificuldade de ouvir. É a perda parcial ou total das possibilidades sonoras que variam de graus e níveis. Segundo o censo 2010, quase 9,8 milhões de brasileiros possuem deficiência auditiva, o que representa 5,2% da população brasileira. Deste total 2,6 milhões são surdos e 7,2 milhões apresentam grande dificuldade para ouvir. Já, de acordo com a Organização Mundial de Saúde (2011) 28 milhões de brasileiros possuem algum tipo de problema auditivo, o que revela um quadro no qual 14,8% do total de 190 milhões de brasileiros, possuem problemas ligados à audição.

Graus de Surdez	
Leve	Entre 25 a 40 dB
Média	Entre 45 a 70 dB
Severa	Entre 75 a 90 dB
Profunda	Superior a 85 dB

Fonte: <http://portal.mec.gov.br/>

Existe uma diferença entre os significados de deficiência auditiva e surdez. Geralmente ambas são tratadas como sinônimas, mas se for olhar profundamente encontra-se a definição exata de cada uma. Segundo Bisol (2011):

Os surdos, são pessoas que não se consideram deficientes, utilizam uma língua de sinais, valorizam sua história, arte e literatura e propõem uma pedagogia própria para a educação das crianças surdas. Os deficientes auditivos seriam as pessoas que não se identificam com a cultura e a comunidade surda”. (BISOL, 2011, p. 1).

Assim, o surdo propriamente dito se identifica com a Libras e não gosta de ser chamado de deficiente auditivo porque não se considera deficiente. Pelo contrário, tem orgulho de ser assim. Já as pessoas que se consideram deficientes auditivas, que não se adaptam a comunidade surda, se reconhecem deficientes, querem se adaptar ao mundo dos ouvintes e alguns até se sentem incomodados quando outras pessoas descobrem sua deficiência.

Quando perguntam: o que é surdez? A resposta é tão clara e espontânea que mal pensamos para responder: Não escutar nada. Existem algumas diferenciações que englobam na palavra surdez. Segundo Mota (2011) “muitas pessoas surdas nascem com a deficiência, outras adquirem depois de adultas. No primeiro caso, é preciso contar com a sensibilidade da família em se adequar ao fato e facilitar a adaptação do surdo ao meio social que vive” (p.13). O autor ainda cita Rinaldi que explica que:

Pelo menos uma em cada mil crianças nasce profundamente surda. No segundo, há um conflito maior, já que a audição foi perdida, aos poucos ou abruptamente, dependendo do tipo de surdez e a maneira que foi adquirida. (1997, p. 13).

E é importante lembrar também que, por causa de acidentes ou doenças, algumas pessoas adquirem a deficiência auditiva durante a vida e têm mais dificuldades em se adaptar novamente ao mundo dos ouvintes.

Os surdos também são transmissores da mensagem. Eles têm o jeito próprio deles de transmitir a mensagem, um jeito sinalizado, silencioso e visual. Precisamos desconstruir enquanto há tempo a ideia de que precisamos transmitir a mensagem apenas por meio das palavras. Como comunicadores sociais, o que acaba sendo uma função de todas as pessoas, não somente dos que têm diploma para tal, temos que transmitir a mensagem da forma mais clara e objetiva possível aos receptores da mesma.

Para nós jornalistas, temos também que estarmos ligados aos tipos de mensagens que os receptores nos enviam como *feedback* do trabalho. Nosso olhar tem que ser sensível e estar atento a todas as mudanças e atualizações, estamos sempre renovando no jeito de repassar a informação para prender a atenção do leitor. São muitas as preocupações de um jornalista quando se trata de escrever um texto. Mas necessário saber se houve comunicação, ou seja, interlocução do texto com o público. Existem falhas na nossa comunicação. Claro, tentamos nos comunicar da forma mais eficiente possível. Colocamos neste TCC nossa preocupação com este ponto.

Os surdos estão limitados a ter acesso informação no impresso e através da internet. Sendo que, na *web*, muitas vezes por meio de plataformas multimídia e através do webjornalismo que vem ganhando cada vez mais força, tem se renovado e se transformado cada vez mais em notícias audiovisuais. Se nos preocupamos com o públicos, devemos nos preocupar também com os surdos. Será que a minha mensagem será eficaz para todos os tipos de receptores? Um surdo, por exemplo, conseguirá ter acesso de forma eficaz a minha mensagem? E, no caso dos surdos, que já estão até acostumados a serem excluídos do meio televisivo, imagina se eles pudessem se ver representados com reportagens e entrevistas em Libras na TV?

Jornalistas precisam e buscam a formação em línguas estrangeiras para conseguir se comunicar em diversas partes do mundo, e pouco se preocupam em ter uma formação em Libras e se comunicar com pessoas que encontra nas ruas todos os dias. Para retratá-los precisaremos compreendê-los. De que adianta fazer uma entrevista perguntando da pouca compreensão que eles encontram, se nós, que tentamos mostrar as dificuldades que eles encontram temos a necessidade de um intérprete mostrando todo nosso despreparo para a situação? E enquanto não dermos conta disso, não conseguiremos nunca ter uma

comunicação realmente eficaz. Quando pesquisamos para elaborar este trabalho, percebemos textos interessantes.

Célia Mota, Juliana Velasco e Sérgio Maiolini escreveram, em 2011, um artigo para o XIII Congresso de Ciências da Comunicação (Intercom Centro-Oeste, em Cuiabá/MT), sobre um livro-reportagem de nome “Prisioneiros do Silêncio” que faz uma reflexão sobre a comunicação não-verbal e a dificuldade em se comunicar não sendo sujeito praticante da linguagem oral e ouvinte.

Por meio das histórias de vida e do olhar de três personagens distintos – uma mãe de surdo de Minas Gerais; o presidente do Centro de Surdos da Bahia (Cesba), também surdo; e um professor/intérprete de Libras de Cuiabá – espera-se construir um retrato que possa delinear o panorama da comunicação por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras). Também são mostrados preconceitos e violências que ouvintes impõem aos surdos a fim de forçar os mesmos a apreensão da língua falada. Além das dificuldades enfrentadas por eles no âmbito familiar e social. (MOTA, 2011, p.2).

Regiane Garcêz e Rousiley Maia publicaram em 2012 um artigo na XXI Compós de Juiz de Fora/MG, onde investigaram a dimensão sensitiva do sofrimento social e o sentido de injustiça a partir dos testemunhos de vida dos próprios indivíduos afetados e concernidos, extraídos de um fórum da rede social *online Orkut*. Focalizaram o caso dos surdos – pessoas que experimentam barreiras linguísticas e que dependem, na maioria das vezes, de um intérprete para se manifestarem em discussões faladas. Em seus estudos, buscam auxiliar na compreensão de que a dimensão sensitiva do sofrimento social e o sentido de injustiça precisam de uma *semântica coletiva* e de uma concepção de justificação. Ilustram também, através dos testemunhos, como os surdos se esforçam por justificar demandas conflituosas de reconhecimento.

Outro trabalho foi a dissertação “*YouTube* e surdez: análise de discursos de surdos no ambiente virtual”, de Priscila Soares Vidal Festa, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Distúrbios da Comunicação, Universidade Tuiuti do Paraná (UTP). Em seu trabalho mostram que, devido à visualidade do *YouTube*, o *site* pode ser encarado como uma possibilidade de expressão para o sujeito surdo, na medida em que possibilita o registro e a circulação de discursos produzidos em língua de sinais. Suas pesquisas apresentam como objetivo a análise dos discursos produzidos por surdos em vídeos postados no *YouTube* a respeito da cultura surda, aspectos de convivência na sociedade entre surdos e ouvintes e movimentos políticos.

O material da pesquisa foi composto por 25 vídeos nos quais pessoas surdas discorriam a respeito da surdez. E por meio da pesquisa, foram recolhidos dados e condições para considerar que a ferramenta YouTube proporciona ao sujeito surdo um novo espaço interativo em sua produção discursiva pelo estabelecimento de interações. Concluíram que, através do YouTube, os surdos conseguiram estabelecer motivos para uma valorização do "ser surdo", o que representa possibilidade de reconstrução de um novo olhar sobre a surdez por meio da língua de sinais. (FESTA, 2013, p.1).

Não temos muitos estudos e TCCs sobre surdos no Estado de Minas Gerais, sobretudo na Zona da Mata Mineira. Tendo como base de nosso trabalho prático a produção de um livro-reportagem literário, motivamo-nos em confeccionar um conjunto de 6 (seis) histórias sobre o dia-a-dia dos surdos em Viçosa, uma cidade relativamente pequena e onde faltam ainda sim, intérpretes nos locais.

2. RELATÓRIO TÉCNICO

2.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Quando chegamos à conclusão de que realmente o tema do nosso trabalho seria os surdos, começamos a pesquisar a melhor forma de transmitir a nossa mensagem com um produto jornalístico que os próprios personagens pudessem se sentir representados e terem acesso ao produto final. Definimos então que seria um livro-reportagem e começamos a esquematizar como seria o processo de construção do formato deste trabalho. Ainda nesta pré-produção, entramos em contato com algumas fontes para entender bem como se daria todo o esquema de entrevistas e se seria compatível com o produto escolhido. Diante disso, começamos a produção do livro-reportagem.

Identificamos uma dificuldade bem maior do que achamos que iríamos encontrar. Sabíamos na teoria das limitações, mas quando nos deparamos com a prática percebemos que poderia ser mais bem mais complicado. Sem termos tido o aprendizado da Libras, nosso trabalho se desdobrou em conseguir horários com a fonte e com a intérprete de Libras que iria acompanhar nosso trabalho.

Tínhamos conhecimento todo o tempo que não daríamos conta de realizar este trabalho sozinhos, por nunca ter feito nenhum curso de Libras, que íamos precisar de algum intérprete, que ia ser um pouco mais trabalhoso. Fizemos um roteiro de perguntas,

não para ficarmos presos a ele, mas para nos ajudar a ter uma direção na entrevista como relata Junior (2010):

Para obter o máximo de respostas é preciso saber o que se quer, o foco do encontro. Roteiro de perguntas pode ser muito útil. Se houver desvio, permite que se retome o rumo da prosa, assim que puder. Ajuda a não esquecer do assunto que o levou até o entrevistado. Roteiro de perguntas não é então camisa-de-força. Se a conversa toma novo rumo, convém aproveitar e estar preparado para formular perguntas provocadas pelas situações. (JUNIOR, 2010, p. 103).

Cientes dessa possibilidade, criamos um roteiro com perguntas, com o pensamento de que eles entenderiam o sentido das perguntas que seriam feitas pelos ouvintes. A intérprete que acompanhou o trabalho conseguiu transmitir o sentido de algumas perguntas que talvez os surdos não tenham entendido tão bem em relação à estrutura das perguntas. Ela sabia como conversar com eles, por ter um contato maior com os surdos e trabalhar com este ramo. Por isso é impossível discordar dos personagens do livro. O intérprete é fundamental em diversas ocasiões e situações que ouvintes não conseguiriam lidar.

2.1.1 Personagens

- **Regiane Aparecida de Oliveira:** 29 anos, é natural de Guaraciaba – MG e atualmente estuda Licenciatura do Campo na Universidade Federal de Viçosa. Filha de pais ouvintes, tem um irmão que também é deficiente auditivo. Ela aprendeu Libras e têm ensinado tanto para os seus pais quanto para o seu namorado que é ouvinte.

- **Tiago Henrique da Costa:** 20 anos, natural de Guaraciaba – MG, estuda química, Libras e matemática na UFV, e está se preparando para o Enem, pois tem o sonho de cursar Medicina Veterinária. Filho de Marli e Lúcio, tem uma irmã chamada Michele. Todos de sua família são ouvintes, ele é o único surdo.

- **Luciana Pereira:** 34 anos, nasceu com a surdez. É mãe de três meninas, a Karen com 14 anos, a Márcia Luísa com 9 anos e Ana Paula, de apenas 2 anos. Todas as três são ouvintes. Ela tem uma certa dificuldade na educação das meninas devido à pouca comunicação existente. A pessoa que mora com ela e a ajuda na educação das filhas

também é surda, mas somente de um ouvido. Ela não tem muitos amigos aqui em Viçosa e prefere ficar mais em casa, não é muito de sair.

- **Kátia Lopes Balbino:** 30 anos, nasceu com 70% de surdez. Trabalha há 10 anos na PIF PAF e atualmente estuda no Cesec - Doutor Altamiro Saraiva. Filha de Fernando Auxiliador Balbino e Zélia Lopes Balbino. Tem dois irmãos: Douglas Fernando Balbino e Eduardo Lopes Balbino. Consegue se comunicar com pessoas ouvintes, e está tendo aprendizado de Libras aos poucos porque seu tempo é muito limitado entre trabalho e estudo.

- **Arthur Reis e Lucas Reis:** Filhos de Mara Márcia Reis e Samid Reis. São gêmeos e têm 7 anos de idade. Nasceram muito prematuros, com 5 meses e 3 semanas pesando apenas 700g. Tiveram que ficar internados e, com isso, pegaram uma infecção generalizada. Não sendo possível saber qual foi o verdadeiro motivo da surdez deles. Se era a prematuridade ou as doses fortes de medicamentos que foram acometidos.

- **Lísis Lopes dos Santos:** 19 anos, trabalha no Produtos Pereira em Cajuri. Já morou em Mato Grosso do Sul, e hoje mora em Viçosa porque quer estudar Geografia na UFV. Sua mãe Elisany é surda e ele herdou a surdez pela genética. Tem dois irmãos mais novos, a Sofia de 5 anos que perdeu 40% da audição e o Nicolas que é ouvinte. Como era a segunda pessoa da família com a surdez, tiveram menos dificuldades de adaptação e ele usa o aparelho auditivo desde os 3 anos de idade.

Intérprete

Luana Isabel Gonçalves de Lima: 26 anos, é formada em Letras pela Universidade Federal de Viçosa com Habilitação em Língua Portuguesa e Literatura das Línguas Portuguesas. Atualmente é tradutora e intérprete de Libras da UFV. Seu primeiro contato com a Libras foi em 2010 quando fez um minicurso introdutório básico de Libras que é oferecido pelo Departamento de Matemática. cursou durante a graduação a disciplina de Libras oferecida pela universidade, decidiu se aprofundar e fez o Curso de Extensão em Libras - CELIB, que oferece cursos de Libras em vários níveis. Depois de finalizar todos os níveis do CELIB, foi professora do mesmo durante 3 anos e meio. Todo seu conhecimento de Libras, segundo a Luana, deve à professora Ana Luisa Borba Gediel,

que é professora de Libras do Departamento de Letras e a incentivou a fazer Libras, a participar dos projetos, etc.

2.2 METODOLOGIA

Como os próprios surdos viçosenses ou residentes na cidade de Viçosa se classificam na sociedade? Eles se sentem realmente incluídos? Eles detectam algum tipo de preconceito nas pessoas? Como se dá o processo de adaptação dos surdos aos costumes e hábitos dos ouvintes viçosenses?

Diante destes questionamentos, procuramos entre conhecidos e amigos de conhecidos se conheciam algum surdo aqui em Viçosa e se poderiam nos passar os contatos deles. Diante disso, entramos em contato com as fontes e também com uma pessoa que pudesse acompanhar o trabalho como intérprete. A seleção das fontes do livro-reportagem foi feita por conveniência. “A seleção por conveniência é baseada na viabilidade. Ocorre quando as fontes são selecionadas por proximidade e disponibilidade”. (DUARTE, 2009, p. 69).

As entrevistas foram realizadas de acordo com a disponibilidade das fontes e da intérprete. Na medida que conseguimos entrar em contato com as fontes, marcávamos com a intérprete. E, através de um gravador, a pergunta era feita aos personagens, a intérprete passava a mensagem até o personagem. A resposta vinha do personagem, passava pela intérprete para chegar até a repórter.

Como o formato escolhido para o livro-reportagem foi de histórias de vida, utilizei na escrita do livro o recurso de depoimento corrido como se os próprios personagens estivessem contando as suas histórias.

O recurso histórias de vida é utilizado pelo livro-reportagem aparecendo em forma clássica de entrevista – com a reprodução do diálogo entre o entrevistador e o entrevistado – ou como depoimento direto, ou ainda numa mescla em que se combinam estas modalidades de apresentação com narrativas em primeira ou terceira pessoa. (LIMA, 2005, p. 114).

Realizamos as entrevistas procurando entender como vivem os personagens, como se comunicam, como aprenderam a língua de sinais e como se sentem perante a falta de conhecimento de Libras na sociedade. Num primeiro momento, tentei detectar as dificuldades, as superações, tudo aquilo que passam no dia a dia. Saber se os problemas

enfrentados por eles são os mesmos, ou oriundas de situações diversificadas. Pelas pesquisas, pelos relatos já lidos e através das entrevistas, percebi que ainda se faz muito necessário dar voz a quem não pode falar, expressar através da comunicação verbal aquilo que somente os surdos ou deficientes auditivos podem expressar.

As entrevistas foram realizadas no sentido de compreensão que é um formato que segundo LIMA (2004, p.107) faz parte na busca por aprofundamento. “Como parte em busca do aprofundamento, o livro-reportagem quase sempre despreza a espetacularização as entrevistas, realizando-as na maioria dos casos com o propósito de compreensão.”

Diante de tudo o que foi registrado, apanhado e observado durante o tempo necessário para se ter um olhar diferenciado sobre a situação, nos aproximamos das fontes, podendo imaginar as situações com o olhar daqueles que não podem falar, e relatamos no livro-reportagem, deixando o leitor o mais dentro das histórias possível, para que eles possam sentir cada personagem como um grande amigo que está lhe contando um pouco da sua vida. Deixamos transparecer no livro-reportagem que o leitor e o personagem podem ser grandes amigos e que os leitores possam entender o que pessoas surdas passam e se questionarem como poderiam ajudar de alguma forma para que a realidade deles possa ser um pouco melhor.

Os ouvintes deixam passar por despercebido que existem pessoas ao redor que são um pouco limitadas e não possuem o mesmo entendimento que o deles. E ainda sim, na maioria das vezes, é mais fácil fechar os olhos porque não é preciso se preocupar. É como diz o velho ditado: “Às vezes é preciso passar pela situação para que se colocar no lugar do outro” (Autor Desconhecido). Talvez se um filho surdo, ou um parente próximo fosse surdo, daria para vivenciar as diferentes dificuldades encontradas e talvez era possível haver mais compreensão.

2.3 PRODUÇÃO

Com um gravador, uma intérprete e muita coragem fomos à campo para fazer as entrevistas. Uma de nossas maiores dificuldades foi conseguir encontrar com os surdos para conversar com eles, explicar como seria este trabalho e os convidar para serem nossos personagens. Diversas vezes marcamos a entrevista e uma fonte esperava chegar no dia para desmarcar, ou outra fonte não aparecia. Em um dos casos o avô de uma das nossas fontes faleceu no dia que havíamos marcado com tamanha antecedência. Muitos foram os imprevistos que surgiram, mas era necessário continuar. Como não tínhamos

como ligar para saber se estava tudo bem, fomos marcando as entrevistas para outros dias e assim por diante.

O roteiro de perguntas, foi dividido em três núcleos: Núcleo Familiar, Núcleo Social e Núcleo Individual (anexo 1). Claro que no decorrer das respostas e da conversa, surgiram outras perguntas que não estavam no roteiro. Mas, essa foi a ideia inicial do roteiro, para não ficarmos presos a ele, mas usá-lo como referência caso a conversa se prolongasse e perdêssemos o fio da meada.

Utilizamos também de fotografias durante as entrevistas. Com a devida autorização das fontes, preferimos por tirar fotos durante as conversas para que ficasse algo mais espontâneo e mostrasse cada personagem. Somente no caso do Arthur e do Lucas que a foto foi registrada por meio de pose, porque não conseguimos uma foto espontânea de todos juntos devido os personagens serem crianças e estarem brincando o tempo todo.

A entrevista com a estudante Regiane Oliveira foi realizada na própria UFV (Universidade Federal de Viçosa) onde ela estuda. Como ela mora no alojamento velho da instituição, a entrevista foi realizada num banco no gramado em frente ao Edifício Fábio Ribeiro Gomes. Nos olhos da Regiane, enxergamos uma menina doce, de sorriso firme e aberto, que tem muitos planos para o futuro. Ela não se deixou abalar pelas dificuldades encontradas e correu atrás do sonho de entrar na universidade. Bem ligada à sua família, ela consegue lidar bem com os universitários, inclusive com suas amigas de alojamento na universidade. Ela se comunica através de gestos e quando não dá certo, usa também o computador. O primeiro passo é fazer com que seus pais consigam se comunicar com Libras também para melhorar a comunicação dentro da sua própria casa.

Depois de algumas tentativas de realizar a entrevista com o estudante Tiago da Costa em sua casa em Guaraciaba, preferimos, por disponibilidade da fonte, entrevistá-lo também aqui na universidade. Conversando com ele, era possível imaginá-lo ainda pequeno, em que é a época que a criança quer saber de tudo, conhecer tudo, perguntar o porquê de tudo, ele não tinha com quem falar. Ver todo mundo conversando e não conseguir falar com ninguém, não conseguir se expressar com ninguém era uma dificuldade que o deixava muito nervoso. Apenas olhar a conversa das pessoas, ficando sem entender nada do que estava se passando, o deixava triste e revoltado. Ele admite que quando criança ficava muito triste, com o coração chateado e talvez até mesmo sem entender o porquê de ter nascido assim. Mas agora ele leva a vida tão bem que não se importa mais. Cada dia é uma nova batalha, um novo caminho a traçar.

Conversamos com a dona de casa Luciana em sua própria casa, onde as duas filhas mais novas estavam brincando na rua. E nos atentando detalhadamente para a história da Luciana Pereira, não tivemos como não nos colocarmos no lugar dela. Quando ainda nova, sua mãe, quem deveria apoiá-la e ajudá-la, a afastava. Conseguimos imaginar o quanto deve ter sido doído para uma menina tão pequena ter que lidar com uma situação assim. A vida da Luciana também não foi fácil. E agora, depois de muito tempo, estar desempregada e com três filhas ouvintes, para educar, ensinar e cuidar deve ser um desafio diário. As meninas estão cada uma em uma fase diferente onde exige muito dos pais. E sendo assim, uma comunicação um pouco limitada entre pais e filhas, a Luciana está conseguindo cada vez mais lidar melhor com a situação.

Também falamos com a auxiliar Kátia Balbino na casa dela. Seus pais estavam presentes, mas não a interromperam. Deixaram que ela contasse a vida dela para nós e depois da entrevista com ela realizada, seus pais dialogaram um pouco com a gente, nos sendo possível tirar algumas dúvidas que ficaram pendentes por só eles saberem as respostas. Os pais expunham que era difícil se comunicar com ela porque as vezes eles queriam apenas alertá-la de algum perigo e ela entedia que era ciúmes. Então, os próprios pais detectaram a importância da Libras. A Kátia se demonstrou tão empolgada com a ideia de que as pessoas tentassem ao menos conhecer a Libras. Ela consegue enxergar que os surdos estão cada vez mais ganhando o seu espaço aqui na cidade de Viçosa e sempre corre atrás de novas oportunidades para que isso aconteça. Um desses passos foi ter corrido atrás de que fosse possível a realização de uma missa com intérprete de Libras. Coisa que ela nunca tinha tido acesso aqui em Viçosa. Foi um grande passo. E através dessa largada já conseguiu prever outras missas para evitar que os surdos da cidade tenham que ir para outra cidade atrás de missa que sejam acessíveis a eles.

O Arthur e o Lucas já estavam esperando por nós na varanda de casa brincando na companhia de seus pais Mara e Samid. Em meio a tantos depoimentos de quem já pode contar a sua história por si mesmos, nos deparamos com a história de vida do Arthur e do Lucas. A mãe deles, Mara, nos cedeu a entrevista e eles estavam o tempo todo ali, hora escutando o que a mãe falava, hora brincando de bicicleta, hora matando os pernilongos com uma raquete ou hora conversando com o pai. A Mara e o Samid no início, se encontraram perdidos sem saber como lidar e o que fazer com a situação de seus filhos. As indagações e dúvidas deles eram coerentes para quem nunca tinha tido algum tipo de contato com a surdez e passava por isso pela primeira vez. Mas o desejo de fazer tudo pelos seus filhos não deixou que eles desanimassem em hora nenhuma e eu achamos que

isso é que faz diferença. O apoio que o Arthur e o Lucas têm em casa, faltam em muitas famílias nos dias de hoje.

Não encontrando um lugar e horário melhor para a nossa entrevista, nos encontramos com o Lísis Lopes na universidade antes dele ir para a academia. Quando o Lísis viu que nós ouvintes temos dificuldades em pronunciar algumas palavras, ele achou muito interessante. Ele não achava que tínhamos dificuldades na fala. Quando a intérprete não conseguiu falar uma palavra e começamos a rir, ele conseguiu identificar que era um erro de pronúncia do português. Ele tem dificuldade com algumas palavras e viu que isso era normal. O Lísis é muito espontâneo. Ele é engraçado, brincalhão e leva a vida de uma forma leve. Das pessoas entrevistadas, ele era o surdo mais oralizado, que quase dava para entender o que ele falava. Trabalhando e estudando, ele transmitiu ser bem decidido do que quer ser e do que quer fazer. Demonstrou também que não liga para o que as pessoas acham dele. Ele é feliz assim e se as pessoas não conseguem o entender, paciência.

2.4 PÓS-PRODUÇÃO

Depois de realizarmos as entrevistas, com todo o material recolhido, tanto os áudios, as imagens e as anotações, começamos a pensar que tipo de narrativa seria possível para que os leitores pudessem entender cada história de vida. Nas nossas mãos estavam uma grande quantidade de informações e relatos tão bons que tínhamos certeza de que daria para trabalhar bem em cima das histórias.

Optamos pelo recurso depoimento direto, em que as histórias pudessem ser contadas diretamente da boca das fontes. Redigimos cada história, selecionando uma foto para a abertura dos capítulos.

Por ser um formato padrão e para ser mais fácil de manejar, o formato escolhido para a impressão do livro-reportagem foi o tamanho A5 (14,8 cm x 21 cm).

Os títulos e subtítulos dos capítulos de “O Silêncio que fala” estão na fonte *Pristina* por escolha pessoal. O texto é redigido na fonte Garamond tamanho 16.

A capa do livro é colorida em tom de marrom/amarelo, com formas de flores ao fundo. As fotos das fontes em cada capítulo estão em preto e branco para mostrar que os personagens ainda precisam ser ouvidos e quem sabe um dia, quando tiverem um pouco mais de compreensão, possam reescrever essa história de uma forma totalmente feliz e colorida?

Após a finalização da produção, levei o material para a copiadora *Precisão* para a impressão final que foi entregue aos três membros da banca examinadora.

2.4.1 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

Número de páginas: 92

Formato: 14,8 cm x 21 cm

Páginas: papel sulfite 90g

Capa: colorida

2.4.2 ORÇAMENTO

Descrição	Valor
Passagens de ônibus/ gasolina para as entrevistas	R\$ 60,00
Impressão e digitalização de material para a fase de pesquisa e produção	R\$ 15,60
Impressão dos livros	R\$ 142,00
Impressão dos memoriais	R\$ 13,20
TOTAL	R\$ 230,80

2.4.3 MATERIAIS

Quantidade	Descrição
01	Gravador de áudio SONY
01	Notebook Dell Inspiron I14z-5680
01	Bloco de anotações
01	Câmera semiprofissional Canon ESO Rebel T5i
01	Aplicativo de celular “HandTalk”

2.4.4 CRONOGRAMA

ATIVIDADE	Mai 2015	Jun 2015	Jul 2015	Ago 2015	Set 2015	Out 2015	Nov 2015
Pesquisa	X	X					
Elaboração do Projeto	X	X	X	X	X		
Levantamento de dados para o memorial		X	X	X	X		
Elaboração do Roteiro de Perguntas					X		
Levantamento de dados para o livro-reportagem (entrevistas)				X	X		
Transcrição do conteúdo das entrevistas					X	X	
Elaboração do livro-reportagem					X	X	
Revisão material						X	X
Defesa do TCC							X

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de nossos objetivos que foi expor este universo tão desconhecido pela maioria dos sujeitos ouvintes, a surdez, consideramos finalmente que, enquanto comunicadores, faz-se necessário o aprendizado da Libras, com o objetivo de entendermos melhor o universo especial em que vivem os surdos, saber de suas dificuldades mais comuns e necessidades de expressão. Percebemos também que a Libras não é importante somente entre as pessoas que são surdas, mas também para todos os ouvintes. Uma das coisas que não podemos deixar de falar aqui também é da extrema importância de a família dos surdos aprenderem a Libras. E um outro objetivo, a ser alcançado a longo prazo, é fazer com que os leitores se inquietem também com a situação

dos surdos e quem sabe a partir daí, consigam enxergar aqueles que também por mim eram invisíveis.

Foi difícil? Sim. Todo trabalho que exige um pouco mais de nós se torna difícil. Tive vontade de desistir inúmeras vezes. Tive também que abrir mão de muitas coisas para conseguir administrar bem as funções e obrigações a que me propus. Logo neste período minha vida passava por diversas mudanças pelo qual não sabia como lidar. Eu, que sempre tive todos os meus passos desenhados na palma da minha mão, passava por situações que não tinha previsto e não fazia ideia de como estabilizar a minha vida de novo. Tive alguns apertos iniciais por ir acumulando funções e deveres, mas graças ao bom Deus, as coisas se ajustaram. Poderia ter escolhido algo mais fácil. Mas preferi me desafiar. Prefiri provar para mim mesma que estou saindo da graduação apta a enfrentar qualquer desafio que o mundo profissional me oferecer. Reconheço que no decorrer da escrita das histórias encontrei lacunas e dados a serem fechados que, por falta de um tempo maior de acordo com os prazos para a finalização deste trabalho, poderiam ser solucionados com uma segunda entrevista com as fontes.

Ter sensibilidade para enxergar as demandas que o mundo exige não é tão fácil. Sempre todos tão focados em formar e trabalhar e ganhar dinheiro, o nosso lado humano passa por despercebido e quando nos damos conta, esquecemos de todos ao nosso redor, tão focados no nosso eu, que não vemos que existem muitos outros que dependem de nossa atenção, de nosso olhar devagar para suas situações e, não que iremos mudar o mundo, mas ter a certeza que nossas ações, por mais pequenas que possam ser, fazem diferença.

Na área da comunicação social, precisamos abrir nossos olhos para os tipos de comunicação. Se somos capacitados e nos formamos como comunicadores sociais com ênfase em Jornalismo, presume-se que precisamos nos comunicar das diversas maneiras possíveis. O próprio Jornalismo inspira sermos fiéis aos fatos, mas também nos é confiada a chance de dar voz a quem não a tem. A humanização faz parte do ser jornalista. Sabemos também que inúmeras pessoas são marginalizadas, excluídas, oprimidas, o que amplia ainda mais o dever e a consciência de ajudá-las por meio do nosso trabalho.

Posso dizer que cresci muito como ser humano e como profissional realizando este trabalho. Diante de todas as dificuldades e desafios encontrados poderiam ter me feito desistir. Mas quando abracei a causa, realmente quis fazer valer a pena cada momento de dedicação. E agora, com o trabalho pronto, me sinto cada vez mais capaz de ser uma jornalista que vai exercer de fato com amor e dedicação a profissão.

Com as histórias de vida deste livro, além de todo conhecimento e aprendizado, levo comigo o desejo de me juntar à luta deles. Dar voz aos que não tem voz e sempre que possível, ser sensível para ajudar a quem ainda precisa de ajuda. Quero fazer parte da pequena parcela de ouvintes que sabem Libras para poder ajudar os surdos a se comunicarem.

O que mais me deixou feliz é que, finalizo este livro com uma gama de sinais em Libras que aprendi com cada um deles. Um me ensinava como dizer obrigada, outro me ensinou como dizer água, outro me ensinou como dizer ponto de ônibus etc. E quando cheguei na última entrevista, já estava entendendo muitas coisas que o meu entrevistado estava falando. Quase que por algum momento cheguei a pensar que daqui uns dias nem ia precisar de um intérprete para me acompanhar. Doce ilusão. Mas com isso, venho dizer o quanto não é difícil aprender. Mas como o Lísis bem disse, não adianta ter preguiça. Nós ouvintes só criaremos o desejo de aprender mesmo quando não encontrarmos outra forma de conseguir conversar com algum parente ou amigo muito próximo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELO, Eduardo. **Livro Reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.

BISOL, Cláudia. & VALENTINI, Carla. **Surdez e Deficiência Auditiva** - qual a diferença? Objeto de Aprendizagem Incluir – UCS/FAPERGS, 2011. Disponível em: <http://www.aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php?file=%2F188440%2Fmod_forum%2Fattachment%2F293373%2FSURDEZ%20X%20DEFICIENCIA%20AUDITIVA.pdf>. Acesso em 20/08/2015 às 21:18h.

BRASÍLIA, DF. Decreto nº 3.298, de 20 de Dezembro de 1999. Regulamenta a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. **Presidência da República. Casa Civil:** Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d3298.htm>. Acesso em 03/12/2015 às 19:02h.

BRASÍLIA, DF. Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências.. **Presidência da República. Casa Civil:** Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/L10436.htm>. Acesso em 03/12/2015 às 22:48h.

CAETANO, Mariana. **Jornalismo e Humanidade:** Técnica e Ética. Disponível em: <<http://www.hottopos.com/mirand2/jornalis.htm>>. Acesso em 26/05/2015 às 14:43h.

DAVIS, Flora. **A Comunicação Não-Verbal**. São Paulo: Summus, 1979.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge. (Org.) **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2009. p. 62-83.

FESTA, Priscila; GUARINELLO, Ana. **YouTube e surdez:** análise de discursos de surdos no ambiente virtual. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/rsbf/v17n4/27.pdf>>. Acesso em 24/05/2015 às 22:10h.

IBGE, 2010. Censo Demográfico 2010. Resultados Preliminares da Amostra. **Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência**. Disponível em:<http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/caracteristicas_religiao_deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia_tab_pdf.shtm> Acesso em 04/12/2015 às 23h.

JUNIOR, Luiz. **A apuração da notícia**: Métodos de investigação na imprensa. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LIMA, Edvaldo. **O que é livro reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

LIMA, Edvaldo. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2004.

LOBO, Tiago. Sobre o papel social do jornalismo. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/ed743_sobre_o_papel_social_do_jornalismo/> Acesso em 15/06/2015 às 9h.

MAIA, Rousiley; GARCÊZ, Regiane. O Papel do Sentimento e da Justificação nas Lutas por Reconhecimento dos Surdos na Internet. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/biblioteca.php>>. Acesso em 24/05/2015 às 12h.

MEIHY, José; HOLANDA, Fabíola. **História oral**: como fazer, como pensar. São Paulo: Contexto, 2007.

MOTA, Célia; VELASCO, Juliana; MAIOLINI, Sérgio. Prisioneiros do Silêncio: Livro Reportagem Sobre a Comunicação Relegada. Disponível em: <<http://intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2011/resumos/R27-0246-1.pdf>>. Acesso em 23/05/15 às 17:49h.

Organização Mundial da Saúde. **Relatório Mundial sobre a Deficiência**. Lexicus Serviços Lingüísticos. - São Paulo: SEDPcD, 2012. 334 p. Disponível em <

http://www.pessoacomdeficiencia.sp.gov.br/usr/share/documents/RELATORIO_MUN_DIAL_COMPLETO.pdf>. Acesso em 04/12/2015 às 09:45h.

ANEXOS:

Roteiro de Perguntas aos Personagens

NOME: _____

DATA DE NASCIMENTO: _____

CIDADE: _____

ESTADO CIVIL: _____

PROFISSÃO: _____

- Núcleo Familiar:

1. Quando seus familiares descobriram a sua deficiência auditiva?
2. Quais foram os procedimentos realizados diante desta descoberta?
3. Quais foram as dificuldades ou impedimentos por eles encontrados na cidade de Viçosa?
4. Como foi/é a sua comunicação com a sua família?

- Núcleo Social:

1. Como você se comunica com as pessoas que não sabem Libras?
2. Você convive com outras pessoas surdas também?
3. Seus melhores amigos são surdos ou ouvintes?
4. Como é seu convívio, relacionamento, com ouvintes?
5. Quais são os tipos de lazer que vocês realizam em Viçosa?
6. Quais são as maiores dificuldades encontradas no dia-a-dia em Viçosa?
7. Você já passou por alguma situação constrangedora?

- Núcleo Individual:

1. Qual é o seu maior sonho?
2. O que você gosta de fazer nas suas horas vagas?

3. Qual é a sua maior dificuldade hoje?
4. Se você pudesse mudar algo na cidade, voltado para a comunicação com os surdos, o que você mudaria?
5. Você se sente representado na sociedade e nas mídias de hoje em dia?



Foto 1. Esquema de como eram realizadas as entrevistas. O entrevistador, o personagem, a intérprete e um gravador.